

Fernanda Serrano

Também Há Finais Felizes

UMA HISTÓRIA DE VIDA

OFICINA
DO LIVRO

I PARTE
DESASSOSSEGO

Passei os braços pelas alças do sutiã, apertei-o atrás das costas. Lentamente, sem pressa. Olhei-me ao espelho naquele cubículo apertado. Tinha a cara feita num bolo. Enfiei a camisola pela cabeça, os braços nas mangas. Compus a roupa. Encostei-me a uma parede. Faltava compor-me a mim mesma. Não conseguia parar de chorar. Estava descontrolada.

Não sei quanto tempo ali estive, mas naqueles minutos ninguém me incomodou, não houve quem me batesse à porta. Demorei o tempo suficiente para me acalmar e conseguir regressar à sala de espera como se nada se passasse.

Mas eu sabia. Soubera-o momentos antes.

Sequei as lágrimas, limpei a cara com as mãos, respirei fundo. E saí com o ar mais natural que consegui simular. Foi com um sorriso que cheguei ao pé da minha mãe e da minha filha bebé. Ainda há dois meses a Laurinha tornara o meu mundo maior. Agora ele estava a desabar.

I

Chovia, trovejava, estava um vento de arrancar árvores. Fora um dia e continuava a ser uma noite de violento temporal. Os meus pais tinham ido comer qualquer coisa ao restaurante do hospital e o Pedro saíra para fazer aquilo que normalmente os homens fazem quando têm um filho: celebrar com os amigos.

Num pequeno berço ao lado da minha cama, a Laurinha dormia um sono imperturbável. Nascera cinco horas antes, quando faltavam dois minutos para as três da tarde. Eu ainda não sentia as pernas, por causa da anestesia epidural da cesariana, e mesmo o tronco e os braços pareciam estar entorpecidos. Continuava praticamente imobilizada, não conseguia fazer quase nada sozinha. Até precisava de ajuda para jantar. A minha amiga Teresa cortava-me a comida e preparava-me as garfadas – praticamente estava a dar-me a comida à boca.

Foi então que, distraidamente, levei a mão ao peito e senti-o. Um caroço. Na parte superior e interna da mama direita. Achei esquisito, mas naquela altura não liguei, nem disse nada. Havia muitas outras coisas mais importantes a acontecer comigo. Estava ao mesmo tempo debilitada

e aliviada, depois da cirurgia. Embora anestesiado, o meu corpo já devia estar a encher-se das hormonas pós-parto que nos fazem esquecer as dores por que passámos e apaixonar-nos pelo bebé que chegou. Tinha corrido tudo lindamente. A minha filha era saudável, bonita e tranquila. Eu estava feliz. E despreocupada.

Pode ter sido um acto inconsciente – eu estar fechada a qualquer coisa que pudesse perturbar aquele momento único. Talvez. Mas a verdade é que, ao contrário do que possivelmente teria acontecido noutra altura da minha vida, não me inquietei com aquele nódulo.

Mais tarde, ao dar de mamar nessa noite, voltei a senti-lo. E então comentei com a minha mãe:

– Vê lá isto. Não é estranho?

Ela tocou.

– Apareceu-te agora?

– Não sei, eu só me dei conta há um bocadinho...

Era terça-feira, 18 de Dezembro de 2007.

O meu primeiro filho, Santiago, nascera dois anos e nove meses antes e, dessa vez, a subida do leite tinha-me custado horrores. Fiquei com suores frios, suores quentes, a transpirar dos pés à cabeça, uma coisa terrível que aconteceu de repente quando o meu quarto estava cheio de gente e eu só pensava: «Por amor de Deus, desapareçam todos da minha frente!» Mas não podia dizer nada – eram a família, os amigos. Comecei a sentir o peito duro, tudo repuxado: «O que é isto?!» Pareciam pedra. E eu quente, cheia de febre. Felizmente alguém deve ter-se apercebido e as pessoas saíram todas, só ficou a minha mãe. Teve de vir uma enfermeira com toalhas molhadas para espremer o excesso de leite. Quando acabava uma maminha já

a outra estava cheia. Lembro-me de pensar: «Não posso ir-me embora deste hospital assim. Nunca mais vou conseguir ser uma pessoa normal...»

Por tudo isto, depois do nascimento da Laura estava muito atenta. Sabia bem o que se sentia naqueles dias a seguir ao parto e não me pareceu que um caroço daqueles, tão definido e sem ser dorido, estivesse relacionado com o leite, que aliás ainda nem tinha subido. Mesmo assim, não me preocupei. Só que de cada vez que punha a pomada para preparar o peito para os primeiros dias de amamentação – que são sempre tão dolorosos – sentia aquilo ali.

– Tens de perguntar a opinião do médico, porque é estranho isso surgir assim do nada – disse a minha mãe.

Ela tentou demonstrar que não dava importância ao assunto, mas eu percebi que ficou apreensiva.

A noite foi tranquila, para os padrões das noites que se seguem a um parto. A Laurinha era muito calma, dormia imenso, só acordava para mamar e mamava muito bem. O Pedro estava lá comigo, ajudou nas mudas de fralda, a pô-la a arrotar, a deitá-la, o que deu imenso jeito, porque depois de uma cesariana, por melhor que ela corra, as dores acabam sempre por aparecer e dificultar-nos os movimentos. Mas era a primeira noite, o cansaço ainda não se tinha apoderado de nós. Estávamos embevecidos com a bebé, muito contentes. Os nascimentos são sempre acontecimentos tão felizes... E foi com esse espírito que acordámos e passámos a manhã, a tratar e a namorar a nossa filhota.

À hora do almoço, o médico apareceu para me observar, ver se o útero estava a contrair e verificar a sutura.

– Descobri aqui isto ontem à noite, veja lá, doutor... – pedi-lhe – tem o tamanho de um caroço de azeitona. Não é estranho?

Ele apalpou e nem hesitou:

– Não se preocupe, Fernanda, isto é uma coisa móvel, perfeitamente inofensiva. Fique tranquila, não pense mais nisso.

Descansei. A pessoa a quem entregara o meu corpo e a vida dos meus dois filhos (a Maria Luísa só nasceria daí a um ano e meio), em quem confiava plenamente, dizia-me que não me preocupasse, que era uma coisa inócua – e eu confiei. De tal forma deixei de valorizar o caso que nem tenho recordação precisa de quando, ou como, o contei ao Pedro.

À noite a minha mãe voltou a puxar o assunto e contei-lhe o que médico tinha dito.

– Está bem, mas se isso continuar, temos de ir ver.

Ela ficou de sobreaviso. Já tinha visto uma irmã e uma cunhada, ambas minhas tias direitas, morrer de cancro da mama. Nunca mais descansou.

Desta vez a subida de leite foi muito mais pacífica – tomei logo meio comprimido para secar um bocadinho e não ser tão abrupta –, mas tive outro problema: custava-me imenso dar de mamar do lado direito. No esquerdo era uma coisa que fluía, naquele eu tinha uma sensação estranha. Não era um ardor, mas um incómodo interno, por dentro da mama. Como se o leite fosse diferente. Parecia que estava ácido. Claro que sei que não podia estar, e que muito provavelmente era igualzinho ao do outro peito, mas é o melhor que consigo explicar: sentia uma acidez fora do normal.

Além disso, a Laurinha mamava mais e melhor do lado esquerdo. Comecei a dar-lhe menos do direito. Resultado: quanto menos dava, menos leite produzia, mais custava à bebé. E para mim também era cada vez mais difícil, porque o incómodo entretanto evoluíra para a dor.

Ao fim de uma semana sempre a piorar, já depois do Natal resolvi telefonar ao médico. Mas estava com aquele constrangimento de ir importuná-lo às nove da noite.

– Não será chato? É um bocadinho deselegante ligar a esta hora por causa de uma coisa destas... – ainda perguntara ao Pedro.

Mas para ele era óbvio que se o problema se estava a agravar e se o obstetra supostamente estava disponível, devia telefonar.

De pé, num canto da sala ao lado da árvore onde já não havia presentes, de frente para a lareira acesa, marquei o número. Muito simpático, o médico afirmou que aquilo era perfeitamente normal, que às vezes acontecia, que era falta de estímulo. E recomendou-me que insistisse. Desliguei o telefone, descansada.

Nessa altura tinha o carço completamente fora do meu pensamento. Continuava a senti-lo quando punha os cremes, mas com tanto afazer por causa da nova bebé nem sequer o relacionei com a dificuldade em amamentar daquele peito. Hoje acho que a apreensão deve ter-se mantido sempre, ainda que inconscientemente, mas naquele momento as prioridades eram a Laura, dar de mamar, dormir, recuperar da cesariana, que me tinha deixado tão dorida... Os dias seguintes ao parto nunca são fáceis. Como todas as mães, eu tinha muita coisa com que me preocupar. E como o médico me tranquilizara, eu não pensava naquilo.

Fiz o que ele me aconselhou e insisti. Mas passados uns dias as dores eram tantas, como se o leite, ao circular, me queimasse por dentro, que decidi: «Vou desistir. Isto é uma coisa que tem de ser boa.» Mesmo só com um peito a Laura chegava a aguentar cinco horas entre refeições e dormia lindamente – isso queria dizer que lhe bastava. Ela estava tranquila e eu também. Foi assim até ao dia 19 de Fevereiro de 2008.

II

Desde a minha primeira gravidez que nós confiávamos totalmente neste ginecologista-obstetra, uma pessoa extremamente afável, muito cativante, de trato fácil. E uma referência nacional na especialidade.

Quando engravidei do Santiago, em 2004, percebi que a minha médica de há anos, de quem só tenho a dizer bem, só fazia partos no Hospital Garcia de Orta e que, se não estivesse de banco quando chegasse a altura de o bebé nascer, não poderia assistir-me. Disse-me que teria todo o gosto em acompanhar a minha gestação, mas deixou-me completamente à vontade para o caso de eu preferir uma instituição privada, ou outra pública, garantindo-me que compreenderia perfeitamente. Respondi que em princípio gostaria de ser seguida pela pessoa que me fizesse o parto. O nascimento de um filho, sobretudo o primeiro, já é um momento tão delicado, em que as grávidas estão tão vulneráveis, que achei melhor eliminar a preocupação sobre o médico que poderia calhar-me quando chegasse a hora.

Estava de oito semanas. Até às doze não convém dizer a muita gente, mas um casal nosso amigo, o Fernando e

a Ana, que têm quatro filhos lindos, foi lá jantar a casa e nós estávamos tão, tão felizes, que não conseguimos esconder a emoção. Queríamos fazer um brinde, tínhamos de dizer porquê. E dissemos. Eles também ficaram muito contentes, celebrámos e aproveitámos para lhes pedir referências de obstetras e hospitais que me dessem alguma tranquilidade, onde eu pudesse ficar num quarto sossegada, com privacidade. Preferia estar um bocadinho mais resguardada, mas sempre com a premissa de que se houvesse algum problema optaria pelo sistema público, onde normalmente estão os melhores meios – sobre isso nunca houve dúvidas.

Eles recomendaram-nos esse tal médico, que tinha feito os quatro partos da Ana no Hospital da Cruz Vermelha, e onde eu também acabei por ter os meus dois primeiros filhos. Claro que depois, quando souberam desta história toda, coitados, ficaram a sentir-se culpados por terem sido eles a referenciar-nos a pessoa em questão, não percebendo – como ninguém percebe – como foi possível chegar ao ponto a que as coisas chegaram.

Marcámos consulta, houve imediatamente uma grande empatia e correu tudo lindamente durante a gravidez. Trabalhei até duas semanas antes de o Santiago nascer.

Nesse dia, 4 de Março de 2005, não dilatei mais do que dois centímetros e meio. Fizeram-me toques e mais toques, forçaram o rebentamento das águas, mas nada. Eu só insistia:

- Vou conseguir. Vou concentrar-me e vou dilatar.
- Mas isto não é por concentração... – dizia o médico.
- É, é. O poder de concentração comanda tudo. Vou conseguir fazer uma dilatação estupenda...

– Olhe, Fernanda, são sete da tarde. Se às sete e meia não houver evolução vamos para a sala de partos fazer uma cesariana.

– Não, não, não! Eu aguento, eu vou fazer.

Às sete e meia, claro, nada.

– Não podemos esperar mais meia horinha?

– Mas acha que em meia hora vai acontecer o que quer que seja? O bebê agora está a entrar em esforço porque já não tem líquido amniótico, não podemos protelar isto muito mais. Portanto vamos lá, às oito horas está cá fora.

E às oito da noite em ponto o Santiago nasceu.

Continuei a ser seguida por esse médico entre gravidezes e nunca houve o mínimo incidente. Foi sempre uma pessoa adorável. O parto da Laura também correu bem. O primeiro problema, que ele garantia não ser problema nenhum, foi aquele da mama. Mas foi logo um que podia ter-me custado a vida.